

A SAGA DO IMPÉRIO — VOLUME DOIS

# A SERVA DO IMPÉRIO

The background of the cover is a detailed illustration. In the foreground, two figures stand on a dark, rocky outcrop. On the left, a man with a long white beard and a turban-like headpiece, wearing a dark, heavy robe, holds a curved sword. On the right, a soldier in full plate armor, including a helmet with a crest, holds a long spear. Behind them, a large, ornate city with domes and spires is visible, with glowing red lights emanating from its windows and streets. The sky is a deep blue with wispy clouds. The overall tone is dramatic and epic.

Raymond E. Feist  
& Janny Wurts

Profundamente humilhada por um escravo ter se atrevido a colocar as mãos nela e ameaçá-la com a mais vergonhosa das mortes, Mara tomou fôlego para chamar seus guerreiros. Bastaria um gesto para que aquele escravo ruivo fosse submetido aos piores tormentos. Era um escravo, não tinha alma nem honra, e, no entanto, devagar e com dignidade, voltou a se sentar no chão diante de suas almofadas. Kevin mantinha um olhar de prazer enquanto esperava que ela decidisse seu destino.

# manifesto da coleção bang!

*Este é o nosso compromisso com você:*

*Queremos ser a melhor coleção de  
literatura fantástica do Brasil.*

*Vamos publicar apenas os grandes  
livros dos grandes autores.*

*Todas as obras são válidas desde que  
ignorem as limitações do realismo.*

*Queremos mexer com a sua cabeça.*

*Mas um click não basta.*

*É preciso um Bang!*

## SUMÁRIO

1. Escravo .....	13
2. Plano .....	37
3. Mudanças .....	54
4. Votos .....	69
5. Relação .....	89
6. Distrações .....	117
7. Alvo .....	141
8. Reconciliação .....	172
9. Emboscada .....	189
10. Estratégia .....	221
11. Deserto .....	254
12. Cilada .....	284
13. Reorganização .....	312
14. Celebração .....	344
15. Caos .....	371
16. Reagrupamento .....	408
17. Conselho Cinzento .....	439
18. Espadas Sangrentas .....	463
19. Senhor da Guerra .....	495
20. Inquietação .....	525
21. Guardião do Selo .....	557
22. Confusão .....	582
23. Ataque .....	616
24. Abertura .....	645
25. Confronto .....	671
26. Resolução .....	702
27. Começo .....	730

*Dedicado à memória de Ron Faust, eternamente amigo.*

## Escravo

**A**brisa cessou. A poeira subiu em pequenos redemoinhos, lançando areia por cima da cerca de madeira que circundava o mercado de escravos. Apesar das correntes de ar fortes, a atmosfera estava quente e densa com o fedor de homens encarcerados e imundos, somado ao cheiro de esgoto do rio e de lixo apodrecido vindo do aterro situado atrás do mercado.

Protegida atrás das cortinas de sua liteira decorada com enfeites brilhantes, a Senhora Mara afastou o odor para longe de seu rosto com um leque perfumado. Se aquela pestilência a perturbara, não deu sinais. A Governante dos Acoma sinalizou à sua escolta para que parasse. Soldados vestindo armaduras verdes esmaltadas se detiveram e os carregadores suados baixaram a liteira.

Um oficial com o elmo emplumado de Líder de Ataques deu a mão a Mara e ela saiu da liteira. Estava com o rosto bastante corado; Lujan não foi capaz de perceber se ela enrubescera por causa do calor ou se por ainda estar zangada devido à discussão que acontecera antes de sair de sua propriedade. Jican, o hadonra da casa, passara grande parte da manhã contestando vigorosamente seu plano de adquirir escravos que, segundo ele, não tinham qualquer valor. A discussão só terminara quando ela ordenou que se calasse.

Mara dirigiu a palavra ao Primeiro Líder de Ataques:

— Lujan, quero que me acompanhe e que diga aos outros para esperarem aqui.

Seu mau humor levou Lujan a se abster das habituais brincadeiras que, ocasionalmente, beiravam o limite aceitável segundo o protocolo; além disso, sua principal tarefa era protegê-la — e o mercado de escravos era um local exposto demais para seu gosto —, por isso sua atenção passou instantaneamente das piadas para a segurança. Enquanto procurava sinais de eventuais complicações, pensou que Mara só iria se esquecer da discórdia com Jican quando começasse a se preocupar com seu novo plano. Até lá, ela não gostaria de escutar objeções a algo que já não lhe ocupava a mente.

Lujan compreendia que cada uma das ações de sua Senhora tinha por objetivo sua ascensão no Jogo do Conselho, a luta política que era o coração do governo tsurani. Sua única meta era sobreviver e reforçar o poder da Casa dos Acoma. Rivais e amigos já tinham aprendido que aquela garota, outrora inexperiente, amadurecera até se tornar uma jogadora habilidosa naquele jogo mortal. Mara evitara a armadilha lançada pelo velho inimigo de seu pai, Jingu dos Minwanabi, e teve sucesso em sua própria conspiração, o que levou Jingu a cair em desgraça e a tirar a própria vida.

Embora os triunfos de Mara fossem o atual tema de conversa entre os vários nobres do Império, ela própria pouco descansara para apreciar o prazer de sua ascensão. A morte de seu pai e a do irmão quase levaram a família à extinção. Mara concentrou-se em antecipar problemas futuros enquanto fazia manobras para assegurar a própria sobrevivência. O que fora feito ficara para trás, e remoer o assunto era se arriscar a ser pega de surpresa.

Apesar de o homem que ordenara a morte de seu pai e de seu irmão estar finalmente morto, sua atenção ainda estava concentrada na rixa familiar entre a Casa dos Acoma e a Casa dos Minwanabi. Mara não esquecera a expressão de puro ódio de Desio dos Minwanabi quando ela e os outros convidados ignoraram a cerimônia fúnebre de seu pai. Embora não fosse tão inteligente quanto Jingu, Desio não seria menos perigoso; a dor e o ódio fizeram com que suas motivações passassem a ser pessoais: Mara destruíra seu pai, assim como a grandeza de seu poder, durante a celebração do aniversário do Senhor da Guerra, que ele organizara na própria casa. Depois, saboreara a vitória na presença dos nobres mais influentes e poderosos do Império

quando ela foi anfitriã, em sua propriedade, da festa em homenagem ao Senhor da Guerra.

Logo depois de o Senhor da Guerra e seus convidados terem partido das terras dos Acoma, Mara já tinha embarcado em um novo plano para fortalecer sua casa; trancou-se a sós com Jican a fim de discutir a necessidade de obter novos escravos para preparar novos pastos nas matas ao norte da grande casa. Pastos, currais e galpões deveriam ficar prontos bem antes de se iniciar a época de reprodução na primavera, para que a grama já estivesse bem alta e as jovens needra e suas mães pudessem pastar.

Como subcomandante dos Acoma, Lujan aprendera que o poder dessa casa não estava na lealdade e na coragem de seus soldados, nem nas licenças de comércio em terras distantes e nos investimentos, mas sim nas grosseiras e comuns needra de seis patas. Elas eram a base sobre a qual se erguia toda a riqueza da família. Para que o poder dos Acoma crescesse, a primeira tarefa de Mara seria aumentar sua manada de procriação.

Lujan voltou a atenção para sua Senhora quando Mara sacudiu a poeira da túnica. As vestes simples de um verde bem claro traziam a silhueta da ave shatra, o brasão da Casa dos Acoma, bordada nas mangas. A Senhora calçava sandálias de solas altas com tachinhas, para que não se enchessem com o pó que habitualmente cobria as estradas. Seus passos geraram um som alto e seco quando subiu as escadas de madeira para as galerias que percorriam toda a extensão da cerca de madeira. Um toldo de lona desbotada servia de teto à estrutura, protegendo do sol impiedoso os Senhores tsurani e seus agentes. Ali podiam se manter bem longe da poeira e da terra e se refrescar com qualquer brisa que soprasse do rio, enquanto examinavam os escravos disponíveis para venda.

Para Lujan, a galeria, com a sua grande sombra e as fileiras de bancos de madeira, era antes um local de maldade dissimulada do que um abrigo. Tocou de leve no ombro de sua Senhora quando ela chegou ao primeiro piso. Ela se voltou para encará-lo com um incômodo olhar inquiridor.

— Senhora — disse Lujan, com muito tato —, se houver inimigos à espera, é melhor que minha espada esteja à frente de seu belo rosto.

Os cantos da boca de Mara se suspenderam um pouco, quase exibindo um sorriso.

— Adulador — acusou ela. — Você tem razão, é claro. — A formalidade com que se dirigiu a Lujan foi suavizada por um pouco de humor. — Se bem que um dos motivos de Jican ter protestado foi por



crer que eu seria machucada pelos escravos bárbaros, e não por outro Governante.

Ao dizer isso, ela se referia aos inexpressivos prisioneiros de guerra de Midkemia. Mara não dispunha de fundos para comprar escravos comuns em número suficiente para tratar dos campos. Portanto, não via alternativa além da compra de bárbaros, que tinham a fama de serem inatratáveis, rebeldes e totalmente insubordinados contra seus Senhores. Lujan observava sua Senhora, cuja altura mal chegava a seu ombro, embora fosse dotada de uma natureza capaz de exterminar qualquer homem — Senhor, escravo ou criado — que desafiasse sua vontade indomável. Ele reconheceu a evidente determinação em seus olhos.

— De qualquer forma, aposto que, na Senhora, os bárbaros encontrarão alguém à altura.

— Se não for assim, todos sofrerão com o chicote — afirmou Mara, decidida. — Pois, se os escravos não cuidarem das terras antes da primavera, não recuperaremos o que pagamos por eles e, então, estaremos fazendo o trabalho de Desio por ele.

Lujan ignorou a rara admissão de dúvida de sua Senhora e abriu-lhe caminho pela galeria, verificando silenciosamente suas armas. Os Minwanabi podiam estar se recuperando de suas feridas, mas Mara tinha agora mais inimigos: Senhores que tinham inveja de sua rápida ascensão, homens que sabiam que o nome dos Acoma se apoiava nos ombros daquela mulher esguia e em seu herdeiro bebê. Certamente, os conselheiros desses Senhores sussurravam que ela ainda nem tinha vinte e um anos. Fora esperta contra Jingu dos Minwanabi, mas também tivera sorte; com o tempo, a juventude e a inexperiência a fariam dar um passo em falso. Então as casas rivais se ergueriam como uma matilha de jagunas, prontas para se lançar sobre a riqueza e o poder de sua casa e a enterrar o natami dos Acoma — a pedra onde se gravara o brasão da família, personificando sua alma e sua honra — com a face virada para baixo, para sempre afastado da luz do sol. Segurando a túnica com cuidado acima dos tornozelos, Mara seguiu Lujan por todo o primeiro piso. Passaram da entrada de acesso à fileira mais baixa de galerias, que, devido a um costume não escrito, mas profundamente enraizado, era reservada a mercadores ou agentes, e subiram ao piso seguinte, reservado apenas à nobreza.

Embora houvesse midkemianos sendo leiloados, pouca gente estava presente. Mara viu apenas alguns mercadores, com ar entediado, parecendo estar mais interessados em fofocas sobre a cidade do que em com-

prar. A fileira superior de galerias provavelmente estaria vazia. A maioria dos nobres tsurani estava bem mais preocupada com a guerra no mundo além do Portal, ou em conter o poder sempre crescente do Senhor da Guerra no Conselho, do que em comprar escravos intratáveis. Os primeiros lotes de cativos de Midkemia atingiram o recorde de preços, devido à curiosidade dos compradores. Mas logo a novidade deixou de ter interesse devido ao grande volume de escravos. Agora os homens adultos de Midkemia eram os mais baratos de todos; apenas as mulheres com o invulgar cabelo ruivo dourado e de beleza incomum ainda atingiam mil centúrios. Mas, como os tsurani habitualmente capturavam guerreiros, eram raras as mulheres bárbaras disponíveis.

Uma brisa vinda do rio empurrou as plumas do elmo de Lujan, balançando as pontas com penas do leque perfumado de Mara e agitando seus brincos de contas. Por cima da cerca, ecoaram as vozes das equipes de barqueiros que, com suas varas, faziam as embarcações subirem ou descerem o rio Gagalin. Dali de perto, dos recintos empoeirados dentro das altas paredes de tábuas, vieram os gritos dos mercadores de escravos e o ocasional estalar de uma chibata de pele de needra que os impelia a andar mais depressa para serem observados das galerias pelos clientes interessados. O cômodo em que estavam os midkemianos abrigava cerca de duas dúzias de homens. Nenhum comprador se mostrara interessado, e por isso havia apenas um capataz entediado tomando conta. Com ele estava um agente aparentemente encarregado de distribuir roupas e um responsável pelo registro das contas em uma tábua de ardósia muito lascada. Mara deu uma olhada curiosa nos escravos. Eram todos muito altos, cerca de uma cabeça maiores que o maior dos tsurani. Um em particular se elevava acima do agente gordinho, e, enquanto tentava se comunicar numa língua estranha, seu cabelo ruivo dourado brilhava sob o sol do meio-dia de Kelewan. Mara não teve oportunidade de analisar melhor o bárbaro, pois Lujan parou de repente à sua frente, tocando em seu pulso em sinal de aviso.

— Há alguém aqui — sussurrou ele, e inspecionou o local, abaixando-se, dissimulado, como se houvesse uma pedra em sua sandália. Pousou discretamente a mão na espada e, por cima de seu ombro musculoso, Mara viu um vulto sentado na sombra na parte de trás da galeria. Poderia ser um espião, ou pior, um assassino. Uma vez concluída a venda de midkemianos, o piso superior ficaria vazio e um Senhor ousado poderia se aproveitar disso. Mas o fato de uma casa rival saber que Mara optara

por ir pessoalmente ao mercado de escravos revelava a presença de um informante muito bem colocado nas fileiras dos Acoma. A Senhora parou, sentindo um arrepio na espinha ao pensar que, caso morresse naquele lugar, seu filho de um ano, Ayaki, seria o último obstáculo antes de o nome dos Acoma ser definitivamente eliminado.

Então o vulto nas sombras se mexeu e a luz do sol vinda de um rasgo no toldo revelou um rosto atraente e jovem, com um sorriso de surpreso deleite.

Mara afagou de leve o pulso de Lujan, suavizando o aperto em sua espada.

— Está tudo bem — informou ela em voz baixa —, conheço esse nobre.

Lujan endireitou-se, sem expressão, quando o jovem se levantou do banco. O homem avançou com a postura de um espadachim. Suas vestes, desde as sandálias de couro tingido de azul até a túnica de seda bordada, eram caras e de boa qualidade. Usava o corte de cabelo típico dos guerreiros, e o único adereço em seu corpo era um pingente de obsidiana polida pendurado no pescoço.

— Hokanu — disse Mara; ao escutar aquele nome, seu guarda-costas relaxou. Lujan não estivera presente durante o banho de sangue político na propriedade dos Minwanabi, mas, pelas conversas nos alojamentos, soubera que Hokanu e seu pai, o Senhor Kamatsu dos Shinzawai, defenderam os Acoma praticamente sozinhos, num momento em que a maioria dos Senhores considerava inevitável a morte de Mara.

Lujan colocou-se a seu lado, respeitosamente, observando, por debaixo da aba de seu elmo, o nobre que se aproximava. Mara recebera muitos pedidos de casamento desde a morte de seu marido, mas nenhum dos pretendentes era tão atraente quanto o segundo filho de Kamatsu dos Shinzawai. Lujan manteve uma postura irrepreensível, mas, assim como qualquer outro membro da grande Casa dos Acoma, tinha um interesse pessoal em Hokanu. E, pelo visto, Mara também tinha, a julgar pelo rubor em seu rosto.

Após a sutil adulação dos últimos pretendentes, a ternura sincera de Hokanu diante de Mara era algo refrescante.

— Senhora, que bela surpresa! Não tinha a mínima esperança de encontrar tão bela flor num ambiente tão desagradável como este. — Ele fez uma pausa, esboçou uma pequena reverência e sorriu. — Embora, é verdade, tenhamos visto este delicado botão exhibir seus espinhos ul-

timamente. Sua vitória sobre Jingu dos Minwanabi ainda é motivo de conversa em Silmani — revelou, referindo-se à cidade mais próxima da propriedade de seu pai.

Mara retribuiu a reverência com sinceridade:

— Não vi as cores dos Shinzawai entre os servos aguardando na rua. Caso contrário, teria trazido um criado com jomach gelado e chá frio. Ou talvez não pretenda que seu interesse em escravos seja notado. — Ela deixou que seu comentário pairasse por um momento, antes de voltar a falar de repente: — Seu pai está bem?

Hokanu assentiu educadamente e conduziu Mara a um banco. Seu toque era firme, mas gentil; nada que se comparasse aos apertos brutos que sentira de seu marido ao longo de dois anos. Mara fitou os olhos do filho dos Shinzawai e vislumbrou ali uma inteligência tranquila, revestida de um ar divertido devido à aparente inocência de sua pergunta.

— A Senhora é muito perspicaz. — Ele riu depois de seu gracejo. — Sim, estou interessado em midkemianos e, seguindo o sensato pedido de meu pai, tento manter tudo na maior discrição. — Sua expressão tornou-se mais séria. — Gostaria de ser sincero com você, Mara, tanto quanto meu pai foi com o Senhor Sezu; nossos pais serviram juntos na juventude e confiavam um no outro.

Apesar de intrigada com o encanto do jovem, Mara reprimiu seu desejo de se abrir, para evitar grandes revelações. Ela confiava em Hokanu, mas o nome de sua família saíra havia muito pouco tempo do esquecimento para que pudesse revelar suas intenções. Os criados dos Shinzawai poderiam ter a língua solta, e jovens às vezes celebravam seus primeiros momentos de liberdade e responsabilidade longe de casa com boas quantidades de bebida. Hokanu lhe parecera tão equilibrado quanto o pai, mas ela não o conhecia bem o bastante para ter certeza disso.

— Temo que o interesse dos Acoma nos bárbaros seja meramente por uma questão financeira. — Mara abanou seu leque, decidida. — A colmeia cho-ja que conquistamos há três anos deixou nossas needra com poucos pastos. Os escravos que abrem caminhos na floresta durante a estação úmida adoecem, diz meu hadonra. Se pretendemos ter pasto suficiente para alimentar nossas manadas na época da reprodução, temos de contar com perdas. — Ela lançou um olhar de pesar a Hokanu. — No entanto, não contava com concorrência neste leilão. Estou contente por vê-lo, mas, só de pensar em competir com um amigo tão querido, fico incomodada.

Hokanu fitou por um momento as próprias mãos, com o rosto sereno e um sorriso no canto da boca.

— Se libertar minha Senhora de seu dilema, será que ela retribuiria o favor aos Shinzawai? Digamos, acompanhando um pobre segundo filho em um jantar?

Inesperadamente, Mara riu.

— No que diz respeito a elogios, Hokanu, você é um demônio. Muito bem, sabe que não preciso ser subornada para deixá-lo visitar minha propriedade. Sua companhia é... sempre bem-vinda.

Hokanu olhou para Lujan simulando sofrimento.

— Ela diz isso de uma maneira muito sincera, para alguém que me rejeitou da última vez que estive em Sulan-Qu.

— Isso não é justo — protestou Mara, que depois corou ao perceber quão rapidamente falara em sua própria defesa. Já com mais decoro, acrescentou: — Daquela vez, seu pedido veio em um momento delicado, Senhor Hokanu.

O rosto dela tornou-se sombrio quando se lembrou de um espião minwanabi e de um belo e incômodo rapaz que sofrera em consequência da intriga e da ambição inevitáveis à vida no Império de Tsuranuanni.

Hokanu reparou na tensão que obscurecera o rosto dela. Sentiu compaixão por aquela jovem mulher, que quando criança fora tão séria e que, contra todas as expectativas, tivera coragem e inteligência para evitar a ruína de sua casa.

— Os midkemianos são seus — afirmou ele com firmeza — pelo preço que conseguir negociar com o agente.

— Mas não quero lhe causar nenhum problema — protestou Mara. O leque tremeu entre seus dedos fechados. Estava tensa; Hokanu não poderia reparar nisso, e, para distraí-lo, ela agitou as penas como se estivesse incomodada com o calor. — Os Shinzawai mostraram muita amabilidade para com os Acoma e, em honra disso, está na hora de nos provarmos úteis: que seja eu a ceder no leilão.

Hokanu fitou a Senhora, que era delicadamente pequena e bem mais atraente do que ela própria tinha noção. Era dona de um sorriso que a tornava radiante, apesar de, naquele momento, seu rosto estar visivelmente abalado pela tensão, escondida pelo pó de thyza. Suas preocupações eram bem mais profundas do que simples questões de honra, presentiu imediatamente o jovem.

Isso o levou a se deter: ela fora forçada, no momento em que ia fazer os

votos para servir a deusa Lashima, a assumir o papel de Governante. Muito provavelmente, pouco ou nada sabia sobre os homens antes de sua noite de núpcias. E Buntokapi dos Anasati, um fanfarrão grosseiro e rude, era filho de um inimigo dos Acoma e se tornou seu esposo e Governante. Ele fora bruto com ela, Hokanu tinha quase certeza, e era por isso que aquela Senhora e mãe se comportava com tanta insegurança quanta teria uma garota alguns anos mais nova. Em seguida, sentiu por ela admiração: aquela mulher aparentemente frágil provara ter um valor bem maior do que seu tamanho e sua experiência poderiam indicar. Ninguém, além do pessoal de confiança de sua casa grande, adivinharia o que ela havia suportado sob o rude domínio de Buntokapi. Alguém próximo a Mara poderia lhe contar muita coisa se Hokanu conseguisse partilhar com tal pessoa um copo de bebida em uma taverna. Mas bastou apenas um olhar para a postura atenta de Lujan para que o filho do Senhor Kamatsu se convencesse de que o Líder de Ataques não seria uma boa escolha. O guerreiro avaliou Hokanu ao perceber seu interesse; e, no que dizia respeito à sua Senhora, sua lealdade era absoluta. Hokanu tinha consciência de que Mara sabia avaliar o caráter de alguém com muita habilidade — provara isso muito bem ao se manter viva durante tanto tempo.

Tentando suavizar a disposição dela sem ofendê-la, Hokanu disse:

— Minha Senhora, falei com sincero desapontamento sobre não ter sido possível vê-la por ocasião de minha última visita. — Ocultou qualquer constrangimento atrás de um sorriso encantador. — Os Acoma não devem quaisquer favores aos Shinzawai. Trata-se apenas de uma questão prática. A maioria dos escravos de Midkemia segue para a prisão na Cidade das Planícies, em Jamar, e eu estou na fronteira de Jamar. Será que devo fazê-la esperar o próximo carregamento de prisioneiros subir o rio enquanto conduz vinte homens amarrados uns aos outros sob o calor e trato de negócios, para depois levá-los de novo rio acima? Não faz sentido. Seus pastos de needra são uma necessidade mais urgente, creio eu. Por favor, aceite como nada mais do que uma pequena cortesia de minha parte o fato de eu não participar do leilão.

Mara parou abruptamente de abanar o leque, mal escondendo seu alívio.

— Pequena cortesia? Sua amabilidade é inigualável, Hokanu. Assim que concluir seus negócios em Jamar, ficaria muito feliz em recebê-lo como hóspede dos Acoma em seu caminho de volta à propriedade de seu pai.

— Então, a questão dos escravos está resolvida. — Hokanu pegou a mão dela. — Aceitarei de bom grado sua hospitalidade. — Fez uma reverência, de modo a selar o acordo. Ao se endireitar, viu dois olhos castanhos fitando-o intensamente. Sempre se sentira atraído pela Senhora dos Acoma, desde que a vira pela primeira vez. Quando voltasse de Jamar, talvez tivesse a oportunidade de conhecê-la melhor, para explorar suas chances e verificar se o interesse era recíproco. Mas, naquele momento, intuitivamente, pressentiu que a proximidade a deixava incomodada. O mercado público de escravos não era o local adequado para tentar entender o motivo disso e, em vez de deixá-la desconfortável a ponto de o prazer que ela sentira ao vê-lo se transformar em arrependimento, levantou-se de seu lugar. — Pois bem, quanto mais depressa eu partir para Jamar, mais depressa voltarei. Ficarei ansioso para revê-la, Senhora.

Mara agitou o leque diante do rosto. Inesperadamente constrangida, sentiu ao mesmo tempo pesar e alívio com a partida de Hokanu. Assentiu tentando demonstrar compostura.

— Também anseio por esse momento. Tenha uma boa viagem.

— Eu lhe desejo o mesmo, Senhora Mara.

O mais jovem dos dois filhos dos Shinzawai abriu caminho em meio aos bancos e abandonou a galeria superior. Ao se expor à luz do dia, na escada, exibiu seu nariz reto, sua testa alta e o queixo saliente que sempre chamavam a atenção de muitas filhas de nobres em Szetac, sua província natal. Até para o olhar extremamente crítico de Lujan, o homem não parecia feio, além de ter ótimo nível social.

O som de vozes altas subiu do local onde estavam os escravos. Mara deixou de prestar atenção ao vulto cada vez mais distante de Hokanu. Apoiou-se no parapeito da galeria para ver a origem do tumulto. Como não era possível haver arqueiros escondidos entre os grupos de escravos nus, Lujan não a apressou para que ela se escondesse nas sombras, mas não deixou de observar os telhados ao redor.

Mara se surpreendeu ao descobrir que a gritaria indecorosa vinha do agente que vigiava os bárbaros. Baixo, roliço e envolto em vestes de luxuosa seda amarela, balançava a mão na frente do queixo de um forasteiro. Quem o enfrentava era o midkemiano ruivo em quem Mara já havia reparado, com seu corpo nu brilhando à luz da tarde. Parecia tentar conter desesperadamente a vontade de rir enquanto recebia a repreensão do agente. Mara foi forçada a admitir que o quadro era mesmo cômico: o agente era pequeno, até para um tsurani, e os bárbaros eram muito mais

altos do que ele. Na vã tentativa de querer parecer ameaçador, foi obrigado a ficar na ponta dos pés.

Mara observou o forasteiro. Embora pudesse ser açoitado a qualquer momento, manteve-se de braços cruzados, numa postura de plena autoconfiança. Era uma cabeça mais alto do que o capataz e os dois ajudantes que se apressaram a ajudar o agente. O forasteiro abaixou a cabeça em direção a eles como se fosse um jovem nobre aborrecido olhando seu bobo da corte. De repente, Mara sentiu um aperto dentro de si ao estudar o corpo do homem, magro e quase transparente devido às rações escassas e ao trabalho árduo. Enquanto se obrigava a se acalmar, tentou entender se a presença de Hokanu a afetara mais do que imaginara. Os homens com quem deveria se preocupar mais naquele momento estavam lá embaixo, praticamente enjaulados, e seu interesse por eles era apenas financeiro.

Mara parou de apreciar abertamente a aparência do homem e concentrou-se em sua altercação com o capataz tsurani e seus ajudantes. As palavras empoladas do agente atingiram seu auge e ele perdeu o fôlego. Agitou o dedo em riste uma última vez na altura da clavícula do bárbaro. E, para grande espanto de Mara, o escravo não demonstrou qualquer sinal de submissão. Em vez de se prostrar encostando o rosto no solo aos pés do agente, aguardando silenciosamente seu castigo, empinou o queixo barbado e, com uma voz de trovão, começou a falar em um tsurani rudimentar, com gestos confiantes.

— Por todos os deuses, olhe para ele! — exclamou Lujan espantado. — Comporta-se como se os escravos tivessem nascido com o direito de argumentar. Se forem todos atrevidos como esse, não me espantaria se um mercador de escravos precisar lhes arrancar a pele para conseguir meio dia de trabalho.

— Silêncio — disse Mara, acenando-lhe com a mão. — Quero ouvir. — Esforçou-se para tentar compreender o tsurani arrevesado do bárbaro.

De repente, o forasteiro parou de falar, com a cabeça inclinada para um lado, como se já tivesse exposto seus argumentos. O agente parecia nervoso. Sinalizou ao ajudante com a ardósia de registro e falou em tom irritado:

— Em fila! Todos vocês! Já!

Os escravos se alinharam calmamente. Do ponto alto de onde estava observando a confusão, Mara reparou que os bárbaros arrastaram os pés até suas posições, escondendo dois companheiros agachados perto da cerca de madeira do lado que dava para o rio.



— O que acha que estão fazendo? — perguntou ela a Lujan.

O guerreiro encolheu os ombros da maneira típica dos tsurani, ou seja, apenas com um leve movimento.

— Coisa boa não é. Já vi jovens needra mais inteligentes do que aquele agente.

Lá embaixo, o capataz e o ajudante com a ardósia começaram a contar os escravos. Os dois escondidos foram os últimos a se juntarem à fila, e, graças a um tropeção encenado e à desordem que se seguiu quando se desequilibrou e caiu no meio da fileira, o encarregado com a ardósia perdeu a conta. Começou de novo, olhando para baixo para marcar com o giz cada escravo por que passava, enquanto o agente vociferava e suava devido ao atraso.

Cada vez que o encarregado consultava a ardósia, os bárbaros indisciplinados mudavam de posição. O homem com o chicote açoitou alguns deles para tentar estabelecer um pouco de ordem. Um escravo gritou algo em sua língua nativa, o que soou de maneira suspeita como um palavrão, enquanto saltava para escapar do castigo. Os outros riram. O chicote estalou para silenciar aqueles que estavam mais próximos do capataz, o que levou a fila de escravos à espera a se desfazer e, lentamente, a se recompor atrás do homem. O encarregado olhou para cima em desespero. Mais uma vez, perdera a conta.

O agente gritou em uma exibição vergonhosa de impaciência:

— Já estaremos mortos e enterrados quando terminar isto!

Então bateu palmas chamando alguém que estava ao lado e pouco depois um criado correu apressado com um cesto de calças e camisas toscas e começou a distribuí-las aos escravos.

Naquele momento, o bárbaro ruivo começou a gritar insultos ao capataz. Seu tsurani poderia ser básico e mal pronunciado, mas, em algum momento de sua jornada desde que fora capturado, alguma criança pedinte anônima lhe ensinara cuidadosamente, e bem. A boca do capataz se abriu de incredulidade enquanto pesava as implicações biológicas do que o forasteiro acabara de dizer em relação à sua mãe. Então ruborizou-se e fez girar o chicote, que o bárbaro evitou com destreza. O pequeno e gordo tsurani começou então a perseguir o enorme midkemiano.

Lujan riu.

— É uma pena que o bárbaro precise ser abatido; ele é tão engraçado quanto qualquer ator itinerante que eu já tenha visto. E parece estar se divertindo também. — Um movimento no canto mais afastado do re-

cinto captou a atenção de Lujan. — Ah! — exclamou. — E com um bom motivo, ao que parece.

A própria Mara reparou então que um dos escravos voltara a se agachar ao lado da cerca. Pouco depois, pareceu-lhe que ele passava algo por baixo dela.

— Pela sabedoria de Lashima — comentou ela, surpresa e com um sorriso de espanto. — Estão roubando as camisas!

Da galeria era possível apreciar toda a operação. O gigante ruivo corria em volta do complexo. Apesar de sua altura, movia-se com a graciosidade de um sarcat — um predador de seis patas rápido e esquivo das pradarias —, evitando, em um primeiro momento, qualquer tentativa do capataz para alcançá-lo. Então, estranhamente, começou a se arrastar como uma needra preña. Quando o capataz se aproximou, o bárbaro se esquivou da chicotada, trocando os pés, escorregando, se desequilibrando e, em seguida, agitando-se e fazendo subir uma grande quantidade de poeira. Com frequência, o capataz se chocava com seus companheiros que tinham trazido as calças e as camisas, derrubando-os, atordoados. E, no meio da confusão e da poeira, as roupas desapareciam como que por milagre. Algumas foram embrulhadas e passadas a outros escravos; por vezes, uma camisa se desenrolava e aterrissava, para ser recolhida por outro homem. Dessa forma, as roupas acabavam sendo passadas até o homem agachado ao lado do muro. Quando surgia uma oportunidade, ele enfiava as vestes por um buraco e apanhava as fichas de concha usadas como moeda no Império que alguém de fora lhe entregava. O midkemiano então as limpava em seu peito peludo e, em seguida, as colocava na boca e as engolia.

— Deve haver alguns meninos de rua do outro lado. — Lujan abanou a cabeça. — Ou talvez o filho de algum barqueiro. Embora seja um mistério o uso que um escravo possa dar a uma moeda.

— Eles sem dúvida são bastante inteligentes... e corajosos — comentou Mara, a quem Lujan fitou intensamente. O fato de ela, em um lapso, ter atribuído características honrosas a homens que, pelas inflexíveis leis da sociedade, estavam numa posição inferior ao mais desprezível e vil dos pedintes da sarjeta levou o Líder de Ataques a se deter. O desespero ensinara Mara a reavaliar as tradições de seu povo, muitas vezes com resultados engenhosos. Apesar de o próprio Lujan ter prestado o juramento de servi-la após um golpe igualmente pouco ortodoxo, nem ele saberia adivinhar o que ela via em um bando de escravos bár-

baros. Tentando sondar o que a fascinara, o guerreiro voltou a observar o conflito abaixo.

O capataz solicitara reforços. Diversos guardas musculosos equipados com ganchos de pele de needra áspera dirigiram-se correndo ao recinto e saltaram sobre o ruivo insubordinado; os escravos que tentaram atrapalhá-los foram empurrados para o lado ou chutados com sandálias de pontas afiadas. Um bárbaro caiu, com a canela sangrando. Vendo isso, os demais logo abriram caminho para os guardas. O ruivo, que liderava o espetáculo, também diminuiu o ritmo. Deixou-se encurralar, para desse modo não ser brutalmente ferido. Os guardas o pegaram com os ganchos e o arrastaram até o agente corado e coberto de pó, cujas roupas lamentavelmente precisavam agora de uma boa limpeza. Obrigaram o enorme prisioneiro a ficar de joelhos e o seguraram, enquanto o capataz pedia aos gritos que lhe trouxessem algemas e correias de pele de needra endurecida para contê-lo.

Ainda assim, o bárbaro não se encolheu de medo. Parecendo desconhecer a possibilidade de sua vida ser tirada com um único gesto do capataz, atirou para trás seu cabelo comprido e fitou os captadores com enormes olhos azuis. Em dado momento da confusão, alguém o golpeou no rosto. Sangue escorria, ensopando sua barba ruiva e densa. Deveria ter apenas uns vinte anos e nem mesmo aquele tratamento duro domesticara seu entusiasmo. Ele disse algo. Mara e Lujan viram a expressão do agente se petrificar e um dos guardas reprimiu um ataque de riso muito pouco próprio de um tsurani, escondendo-se atrás de uma braçadeira envernizada. O capataz com o chicote se revelou mais controlado. Reagiu com uma chicotada e depois, por trás, chutou o bárbaro para a frente até ele cair com o rosto no chão.

Mara não se retraiu diante daquela violência. Escravos desobedientes já tinham sido espancados em sua propriedade por muito menos do que o comportamento ultrajante daquele bárbaro. No entanto, os atos do ruivo, inconcebíveis pelas normas de sua sociedade, não a chocaram nem um pouco. Já se acostumara aos costumes dos cho-ja e aprendera a respeitar os seus comportamentos e sua sabedoria, por mais estranhos que pudessem ser. Ao ver os escravos, pensara que aqueles homens eram tão humanos quanto ela, mas o mundo deles era bem diferente de Kelewan. Sendo forasteiros, talvez não compreendessem o destino que lhes estava reservado: em Kelewan um homem só escapava da escravidão cruzando os portais da morte. Um escravo não tinha honra nem alma, era insigni-

ficante como um inseto e receberia conforto ou seria derrubado com a mesma facilidade com que um homem observaria uma abelha vermelha em meio ao mel.

Um guerreiro tsurani preferiria acabar com a própria vida a permitir ser capturado pelo inimigo — os que eram aprisionados, via de regra, estavam feridos ou inconscientes, ou, ainda, eram covardes. Aqueles midkemianos provavelmente tiveram as mesmas opções e, ao viverem sem honra, tinham traçado seu destino.

O ruivo não parecia nem um pouco conformado. Rolou para escapar do chicote e chocou-se contra os tornozelos do agente. O homem gordo ganiu e ficou pasmo, e só não caiu porque o encarregado de registrar a contagem apressadamente largou a ardósia para segurar a seda amarela. A tábua caiu na terra e o bárbaro, com um movimento invejável, rolou por cima dela. As marcas do registro foram apagadas por uma mancha de suor e pó, e Mara, na galeria, viu com uma excitação bizarra que a cesta estava vazia. Apenas um terço dos homens no pátio estava vestido; alguns não tinham calças e outros estavam sem camisas. Apesar de o ruivo ter conquistado uma surra, talvez até a morte por enforcamento, alcançara uma pequena vitória sobre seus captores.

Os homens com os ganchos se aproximaram. O calor e o esforço esgotaram sua paciência e daquela vez os golpes tinham a intenção de quebrar partes do corpo.

Impulsivamente, Mara levantou-se de um salto.

— Parem! — gritou sobre o parapeito. Sua voz de comando levou os guardas a obedecer. Era uma Governante, e eles não passavam de servos. Habitados a obedecer a ordens, baixaram os ganchos e pararam a investida contra o midkemiano. O agente, surpreso, ajeitou suas vestes, enquanto, na terra empoeirada, o escravo bárbaro se apoiava desconfortavelmente sobre o cotovelo e olhava para cima.

O fato de sua salvadora ser uma pequena mulher de cabelos pretos pareceu pegá-lo de surpresa. Ainda assim, continuou a fitá-la descaradamente.

As sobrancelhas de Mara uniram-se, revelando irritação.

— Eu disse para parar! Se isso continuar, exigirei que sejam obrigados a pagar pelos bens danificados enquanto um participante do leilão espera para fazer um lance.

O agente se endireitou de repente, estupefato, esquecendo sua seda estragada. Afastou o cabelo suado das têmporas, como se, ao melhorar

sua aparência, sua falta de decoro pudesse ser esquecida. Ao ver a Senhora dos Acoma na galeria dos compradores, fez uma reverência, dobrando-se de tal forma que quase ficou de joelhos. Depois da exibição de mau comportamento do ruivo, sabia que teria sorte se vendesse aquele lote de midkemianos pelo preço atribuído a um peixe de aquário. O fato de aquela senhora ter testemunhado o ocorrido e, ainda assim, desejar comprá-los, era uma maravilha que ninguém com a cabeça no lugar poderia questionar.

Consciente de que ele não estava em posição de negociar, Mara sacudiu o leque com uma indiferença calculada.

— Talvez ofereça trinta centúrios por esses bárbaros — disse ela devagar. — Mas, se o grandalhão sangrar demais, posso desistir de comprá-los.

Ao ouvir aquilo, Lujan ergueu as sobrancelhas. Ele também questionava a inteligência de sua Senhora por ela querer comprar escravos insubordinados, mas aquele não era o local para um guerreiro dar conselhos. Permaneceu em silêncio enquanto, no complexo, o agente se virava para o homem do registro e lhe ordenava que fosse buscar roupas e água. O homem voltou e, imediatamente, lhe deram a humilhante tarefa de limpar os cortes do ruivo.

Mas o ruivo que comandava o espetáculo não estava interessado em cortesias. Estendeu sua mão enorme e, apesar de ter seus movimentos restringidos pelas algemas e correias, foi rápido o bastante para colocar a mão no pulso do homem dos registros. O que ele disse não foi audível nas galerias, mas o criado largou o trapo e a bacia, como se seus dedos queimassem.

O agente tentou suavizar aquele ato de desobediência com um sorriso improvisado e nervoso. Não tinha a mínima vontade de testar a paciência de Mara ordenando um castigo ao escravo. Tentava se portar como se tudo tivesse corrido conforme o planejado quando um dos bárbaros avançou e bruscamente começou a limpar os ferimentos do companheiro provocados pelas chicotadas.

— Minha Senhora, os papéis de aquisição podem ser preparados prontamente, no conforto mais reservado de meu gabinete. Pedirei frutas geladas para saciar sua sede enquanto aguarda para assinar. Se quiser ter a amabilidade de se juntar a mim em meu gabinete...

— Isso não será necessário — disse Mara, ríspida. — Espero lá fora pelo seu escriba, pois desejo que esses escravos sejam imediatamente

transportados para minhas terras. Assim que tiver o certificado de transferência de propriedade, meus guerreiros ficarão com a custódia deles. — Ela olhou uma última vez para o complexo. — Ou melhor, assinarei os papéis de compra apenas após esses escravos receberem roupas adequadas.

— Mas... — disse o agente, consternado e atrapalhado.

O responsável pela contagem parecia irritado. Embora a cesta trazida dos armazéns tivesse calças e camisas suficientes para vestir três caravanas de escravos vindos de Jamar, muitos daqueles homens permaneciam nus ou parcialmente vestidos. O assunto seria devidamente investigado e sem dúvida resultaria em alguns espancamentos, mas a impaciência da Senhora encerrou o assunto. Ela queria assinar o termo de compra logo. Com um gesto zangado, o agente incitou o responsável pelo registro de contas a ignorar aquele lapso e o apressou a tratar do assunto. Por trinta centúrios, aqueles escravos dariam pouco lucro, mas pior seria se arriscar a não vendê-los, ocupando os recintos com eles e alimentando-os com thyza que seria mais bem empregada para engordar escravos mais dóceis — que valeriam individualmente de cinco a dez centúrios.

Consciente do prejuízo que teria de reportar aos seus investidores, o agente recuperou a compostura.

— Envie meu mensageiro para que um escriba trate do documento da Senhora. — Quando seu subordinado começou a protestar, resmungou algo entre dentes para que se apressasse antes que a Senhora pensasse melhor e mudasse de ideia.

O ajudante saiu correndo. A Senhora na galeria não prestou atenção à sua partida. Olhava o bárbaro que adquirira por impulso e intuição. Ele, por sua vez, devolveu o olhar, e algo na concentração de seus olhos azuis a fez corar de uma maneira que nem Hokanu dos Shinzawai conseguira.

Mara voltou-se de repente e, sem proferir uma palavra ao seu Líder de Ataques, desceu apressada as escadas que ligavam a galeria à rua. Ao Líder de Ataques bastou um passo para alcançá-la e retomar sua posição. Ele ficou pensando se o motivo da pressa se devia à impaciência em voltar para casa ou a qualquer outra situação incômoda. Deixando de lado tais especulações, Lujan dobrou-se para ajudar Mara a subir na liteira.

— Jican vai entrar em pânico. — Mara observou atentamente o rosto de seu oficial e não viu nele seu habitual bom humor. Em vez do ar de brincadeira, detectou apenas preocupação... e talvez algo mais.

Então o escriba apareceu trazendo os documentos para concluir o negócio. Mara assinou, impaciente por partir. Logo, ouviu gente tagarelando e resmungos estranhos, e os escravos foram conduzidos pelo portão da área de detenção. Lujan moveu um pouco a cabeça e a companhia de guardas de Mara, na mesma hora, organizou as duas dúzias de midkemianos para a viagem de retorno à propriedade dos Acoma. A tarefa foi dificultada pelo fato de parte dos escravos não compreender a língua e por uma incrível tendência para se envolverem em discussões. Não passaria pela cabeça de nenhum escravo tsurani exigir sandálias antes de começar a marchar. Inconformados com a desobediência aparentemente irracional, os soldados primeiro ameaçaram e, por fim, recorreram à força. A cada minuto que passava, menos paciência tinham. Soldados não eram capatazes, e bater em escravos era algo indigno de sua posição. Serem vistos assim em uma via pública era algo que os envergonhava e que não honrava a Senhora, agora já pronta para partir.

Mara, sentada com as costas retas e imóvel em suas almofadas, também não escondeu o seu desconforto diante daquele espetáculo grosseiro. Gesticulou para seus carregadores colocarem nos ombros as varas da liteira. O ritmo que lhes ordenou pelo menos assegurava que a passagem pelas ruas de Sulan-Qu seria rápida.

Mara fez um sinal a Lujan e, após uma breve conferência, indicou que deveriam conduzir os escravos pela rota mais discreta. Isso envolvia atravessar os bairros mais pobres próximos do rio, através de ruas cheias de lixo e poças de esgoto e água de lavar. Os guerreiros empunharam suas espadas e, com a parte lateral das lâminas, bateram nos vagarosos escravos para que avançassem. Salteadores e ladrões de rua eram uma ameaça menor para uma companhia atenta e experiente como aquela, mas Mara estava com pressa por outras razões.

Seus inimigos se interessavam sempre por cada um de seus passos, por mais insignificantes que fossem, e rumores sobre sua visita ao mercado dos escravos logo surgiriam. Naquele exato instante, o agente e seus homens deveriam estar na taverna local; bastava um comerciante ou mercador ouvir as especulações sobre o motivo de Mara comprar escravos do mundo exterior para que os rumores imediatamente comesçassem a circular. E, assim que sua presença na cidade fosse de conhecimento geral, agentes inimigos se apressariam para alcançá-la e seguir seus passos. Os midkemianos iriam servir para limpar os novos campos das needra, e Mara desejava que isso permanecesse em segredo o máximo de tempo

possível. Por mais trivial que fosse, qualquer informação obtida por seus inimigos enfraqueceria os Acoma. E a maior preocupação de Mara, desde que se tornara Governante, era preservar a casa de seus antepassados.

Os carregadores da liteira viraram na rua à margem do rio. Ali, o caminho estreitava-se para uma viela entre edifícios decrepitos; logo, sobrava pouco espaço ao lado da liteira. Acima das paredes, galerias com cortinas de pele grosseira se debruçavam sobre as ruas, com as vigas dos telhados amontoadas umas contra as outras, ocultando a luz do dia. Successivas gerações de senhorios tinham acrescentado novos andares suspensos aos anteriores, de maneira que, ao olhar para cima, apenas uma estreita linha do céu verde de Kelewan era vista, brilhando em contraste com as trevas opressoras. Os soldados de Mara esforçavam-se para enxergar na súbita escuridão, sempre atentos a ameaças; aquele conjunto de pardieiros era um ótimo local para uma emboscada.

A brisa do rio era incapaz de penetrar aquele emaranhado apertado de casas. O ar pairava imóvel e úmido, fétido devido ao lixo, à sujeira e ao cheiro intenso e penetrante de madeira podre. Muitas fundações já tinham sido corroídas por fungos, fazendo com que as paredes se rachassem e as vigas dos tetos afundassem. Apesar de inóspitas, as ruas fervilhavam de vida. Os habitantes abriam caminho à passagem do séquito de Mara e os plebeus se abrigavam em arcos sem portas ao verem o oficial emplumado. Guerreiros dos grandes Senhores espancariam prontamente qualquer infeliz que demorasse a sair do caminho. Apenas grupos de garotos de rua barulhentos e imundos arriscavam a sorte, apontando para a suntuosa liteira e desaparecendo em seguida da frente dos soldados que os cutucavam com os cabos das lanças para que se afastassem.

Os midkemianos pararam com as conversinhas, para grande alívio de Lujan. Naquele momento, seus guerreiros já tinham tarefas o suficiente e não precisavam de mais preocupações. Por mais que ordenasse que se calassem, os bárbaros tinham propensão a desobedecer, como era esperado de um escravo.

Conforme o séquito dos Acoma passava por entre aquelas casas superpovoadas, sentiam o ar cheio de fumaça que escapava dos antros dos vendedores de flores tóxicas. Os comedores de resina de flor de kamota viviam no mundo dos sonhos e das alucinações e eram vítimas de ataques de loucura. Os guerreiros tinham suas lanças a postos, preparados para um ataque inesperado, e Mara seguia sentada atrás das cortinas, com seu leque aromatizado bem encostado nas narinas.



A liteira diminuiu de velocidade antes de chegar a uma esquina e a sua ocupante foi sacudida quando os carregadores mudaram o ponto de apoio e passaram o peso para o outro lado do corpo, em frente aos pilares de uma entrada inclinada. Uma das varas bateu na cortina suja que estava pendurada à entrada, afastando-a para o lado. Lá dentro estavam várias famílias, vivendo amontoadas. As roupas estavam imundas e eles tinham a pele recoberta de feridas. Dividiam uma panela de thyza malcheirosa, enquanto, em um canto, outro recipiente idêntico era usado para recolher o lixo do dia. O fedor era sufocante e numa manta esfarrapada uma mãe amamentava uma criança frágil, com outras três em volta dos joelhos e tornozelos. Todos pareciam ter vermes, saúde frágil e fome. Como ouvira desde pequena que a pobreza ou a riqueza eram distribuídas segundo a vontade dos deuses — em forma de recompensa por ações em vidas passadas —, Mara não prestou atenção àquela miséria.

Os carregadores afastaram a liteira da entrada. Quando se reagruparam, Mara viu de relance os novos escravos que seguiam na parte de trás da comitiva. O ruivo alto murmurou algo a outro escravo, um homem corpulento que começava a ficar calvo e que o escutou com o respeito que se dá a um líder. Foi visível na expressão de ambos um sinal de ultraje, ou talvez de espanto, embora fosse um mistério para a Senhora saber o que poderia ter gerado, num lugar público, tais sentimentos por pessoas com quase tão pouca honra quanto os próprios escravos.

O bairro pobre de Sulan-Qu não era grande; de qualquer forma, a passagem pelas ruas apertadas se revelou profundamente cansativa. Por fim, os cortiços ficaram para trás quando a estrada acompanhou a curva do rio Gagajin. Ali, a escuridão diminuiu de intensidade, mas apenas um pouco. Os edifícios residenciais embolorados deram lugar a armazéns, oficinas e fábricas. Tinturarias, casas de curtumes, bancas e açougues ocupavam todo o espaço, e o mau cheiro de restos de carne, de tinas de tinta e do vapor dos fornecedoros de sebo espalhava no ar uma nuvem fétida. A fumaça das fogueiras dos produtores de resina se juntava em nuvens saídas das chaminés e, ao lado do rio, ancoradas em estacas instáveis, havia barcaças comerciais e outros barcos que serviam de habitação. Vendedores competiam entre si por qualquer espaço que sobrasse, com suas minúsculas bancas repletas de coisas, oferecendo seus artigos a grupos de mulheres e trabalhadores durante suas folgas.

Os guerreiros de Lujan foram então obrigados a afastar à força a multidão, gritando *Acoma! Acoma!* para que os plebeus soubessem que uma

grande Senhora estava passando. Outros guerreiros cerraram fileiras nas laterais da liteira de Mara, protegendo sua Senhora de eventuais perigos com suas próprias armaduras. Mantiveram os escravos bem juntos, tão próximos que nenhum homem conseguiria olhar para o chão para ver os próprios pés. Os soldados calçavam sandálias de couro endurecido, mas aos escravos, incluindo os carregadores, não restava alternativa além de caminharem descalços sobre cacos e riachos de esgoto e outros dejetos.

Mara recostou-se em suas almofadas finamente bordadas, com o leque bem encostado ao rosto. Fechou os olhos para imaginar os amplos campos de sua propriedade, perfumados com a grama do verão e flores doces. O quarteirão industrial acabou ficando para trás e o ambiente ficou menos malcheiroso e populoso, pois entraram em uma região dedicada ao comércio de luxo. Ali trabalhavam tecelões, alfaiates, cesteiros, sapateiros, tecedores de seda e oleiros. Havia uma ou outra joalheria — guardada por mercenários armados — e perfumarias ladeadas por lojas que vendiam artigos menos luxuosos, frequentadas naquele quarteirão menos elegante por mulheres da vida.

O sol marcava meio-dia. Sonolenta atrás das cortinas, Mara sacudiu o leque devagar, grata por, enfim, deixar para trás a confusão de Sulan-Qu. Seu séquito seguiu caminho através de estradas à sombra de árvores carregadas de folhas. Ela estava recostada, tentando dormir, quando um dos carregadores começou a mancar. A cada passo era sacudida desconfortavelmente em suas almofadas, e, em vez de causar dor desnecessária a um homem, ordenou que parassem para verificar o que estava acontecendo.

Lujan instruiu um soldado para que verificasse os carregadores. Um tinha cortado o pé no bairro dos pobres. Era tsurani, e, ciente de sua posição, se esforçara para cumprir sua tarefa até não conseguir mais suportar a dor.

Mara ainda estava a uma hora de distância da casa grande e, desanimados, os midkemianos falavam de novo entre si com os sons nasalados de sua língua nativa. Irritada tanto com o falatório quanto com o atraso, ela fez um sinal a Lujan.

— Mande aquele bárbaro ruivo substituir meu carregador manco. — Ele poderia ser escravo, mas se comportava como um chefe, e, como o fedor do bairro dos pobres provocara dores de cabeça em Mara, ela estava disposta a aceitar qualquer coisa para acalmar os bárbaros.

Os guerreiros foram imediatamente buscar o escravo escolhido. O homem calvo protestou e teve de ser algemado e afastado. Derrubado

para ficar de joelhos, continuou a berrar, até que o ruivo lhe ordenou que se calasse. Em seguida, com os olhos azuis fixos com curiosidade na elegante Senhora na liteira, avançou para colocar no ombro a vara que estava livre, na frente, do lado esquerdo.

— Não! — gritou Lujan na mesma hora.

Através de gestos, indicou ao escravo na retaguarda que passasse para a frente e encarregou o ruivo de ficar atrás. Dessa forma, um guerreiro com uma espada desembainhada poderia marchar nas costas do bárbaro — uma segurança para evitar problemas ou ameaças à sua Senhora.

— Para casa — ordenou ela à sua comitiva, e os carregadores se agacharam para apoiar o fardo nos ombros, com o bárbaro ruivo entre eles.

Os primeiros passos adiante foram um caos incontrolável. O mi-dkemiano era uma cabeça mais alto que os outros carregadores e, assim que se endireitou com a carga e avançou, a liteira saltou para a frente. Mara percebeu que estava escorregando. Os ornamentos de seda e as almofadas não serviram para impedir o movimento. Os reflexos rápidos de Lujan impediram que fosse lançada sem cerimônia ao chão e, batendo as mãos, o Líder de Ataques avisou ao bárbaro que deveria nivelar a vara. O enorme homem só poderia fazer isso se dobrasse as costas e os ombros, o que deixaria sua cabeça a poucos centímetros da cabeça de sua Senhora.

— Isso não vai funcionar de maneira alguma — disse Mara.

— Seria um belo triunfo para Desio dos Minwanabi se a Senhora se ferisse por causa da falta de jeito de um escravo — comentou Lujan, acrescentando em seguida um sorriso esperançoso ao dizer: — Talvez pudéssemos vestir esses bárbaros como escravos domésticos para depois os oferecermos aos Minwanabi, o que acha? Pelo menos poderiam dar bastante prejuízo antes de o Conselheiro-Mor de Desio ordenar que fossem enforcados.

Mas Mara não estava com disposição para piadas. Ajeitou suas vestes e retirou as presilhas desajeitadas do cabelo. Enquanto isso, os olhos do bárbaro a fitaram com uma intensidade que a perturbou. Ele acabou inclinando a cabeça para um lado e, com um sorriso desconcertante, dirigiu-se a ela em um tsurani rudimentar enquanto avançava num passo pouco firme. Lujan o repreendeu com um grito furioso:

— Cão! Escravo! Já de joelhos, seu miserável! — Sacudiu a cabeça na direção de seus guerreiros, que prontamente seguraram a vara da liteira, enquanto outros agarraram o ruivo e o atiraram no chão. Braços fortes

bateram nele com força nos ombros e ainda assim ele tentou falar, até que uma sandália com tachinhas pressionou seu rosto insolente contra a terra.

— Como ousa dirigir a palavra à Senhora dos Acoma, escravo!? — vociferou Lujan.

— O que ele estava tentando dizer? — quis saber Mara, sentindo-se de repente mais curiosa do que ofendida.

Lujan, surpreso, olhou em volta.

— E isso interessa? Ele é um bárbaro e isso não lhe traz honra, Senhora. Ainda assim, a sugestão dele, de certa forma, faz sentido.

Mara se deteve, com a mão cheia de presilhas de casco de tartaruga. A luz do sol brilhou sobre as joias que tinha na cabeça e nos ornamentos de conchas costurados no colarinho.

— Fale.

Lujan passou o pulso por sua testa coberta de suor.

— O canalha sugeriu que nós chamássemos três de seus companheiros e dispensássemos os outros escravos, assim eles poderiam carregar a liteira com mais facilidade, já que têm aproximadamente a mesma altura.

Mara recostou-se, esquecendo por um momento suas presilhas e os cabelos soltos. Franziu o cenho enquanto refletia.

— Ele disse isso? — meditou ela, e olhou em seguida para o homem, que jazia com o rosto afundado na terra, mantido imóvel pelo pé de um soldado. — Deixe que ele se levante.

— Minha Senhora? — questionou discretamente Lujan. Apenas o seu tom interrogativo indicava até onde se atreveria a ir para contestar diretamente a ordem dela.

— Deixe que o bárbaro se levante — disse Mara bruscamente. — Creio que a sugestão dele é sensata. Ou deseja marchar durante toda a tarde, atrasado por um carregador manco?

Lujan encolheu os ombros à maneira tsurani, como se indicasse que sua Senhora tinha razão. Na verdade, ela poderia ser tão teimosa quanto os escravos bárbaros, e, em vez de testar ainda mais sua paciência, o Líder de Ataques dos Acoma indicou ao soldado que prendia o ruivo que o largasse. Distribuiu então uma série de ordens rápidas. Os demais carregadores e o guerreiro baixaram a liteira de Mara até o solo, e foram escolhidos três dos midkemianos mais altos para ocuparem seus lugares. O ruivo se juntou a eles, com seu rosto atraente e ensanguentado no local onde uma pedra da estrada lhe abrira uma ferida. Assumiu seu posto

com a mesma arrogância de antes, embora tivesse sido machucado por aquele tratamento grosseiro. A comitiva se pôs de novo em movimento, com Mara um pouco mais confortável. Os midkemianos poderiam ter boas intenções, mas eram inexperientes no que dizia respeito a carregar uma liteira. Não andavam com passos sincronizados, fazendo com que o percurso fosse feito aos solavancos. Mara se recostou, para tentar combater o enjoo. Fechou os olhos, resignada. Os escravos adquiridos em Sulan-Qu estavam se revelando um verdadeiro transtorno. Ela anotou mentalmente algo que devia dizer a Jican: talvez fosse melhor atribuir aos midkemianos tarefas que pudessem ser desempenhadas perto da casa grande, onde haveria sempre guerreiros por perto. Os capatazes mais experientes poderiam ficar de vigia enquanto se ensinava aos escravos o modo apropriado de se comportarem, de forma que fosse possível confiar que agiriam como o destino ordenara.

Irritada por algo tão simples como comprar novos escravos ter gerado tantos incômodos e confusões, Mara refletiu sobre os problemas que lhe poderiam ser causados por seus inimigos. De olhos fechados para amenizar a crescente dor de cabeça, perguntou a si mesma: o que eu estaria tramando se fosse Desio dos Minwanabi?

# COLEÇÃO **BANGI!**

A MELHOR FANTASIA, FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

05. A Filha do Sangue – Livro Um  
Trilogia das Joias Negras  
Anne Bishop
06. A Espada de Shannara – Livro Um  
Trilogia A Espada de Shannara  
Terry Brooks
07. Tigana – A Voz da Vingança  
Livro Dois  
Guy Gavriel Kay
08. Mago – Espinho de Prata – Livro Três  
Raymond E. Feist
09. A Herdeira das Sombras – Livro Dois  
Trilogia das Joias Negras  
Anne Bishop
10. Mago – As Trevas de Sethanon – Livro Quatro  
Raymond E. Feist
11. As Pedras Éficas de Shannara – Livro Dois  
Trilogia A Espada de Shannara  
Terry Brooks
12. Sangue Mágico  
Série Kate Daniels  
Ilona Andrews
13. A Filha do Império – Livro Um  
Saga do Império  
Raymond E. Feist & Janny Wurts
14. O Príncipe de Westeros & Outras Histórias  
George R. R. Martin e Gardner Dozois
15. Brasyll  
Ian McDonald
16. A Serva do Império – Livro Dois  
Saga do Império  
Raymond E. Feist & Janny Wurts

Próximos Títulos

O Feiticeiro de Terramar  
Ursula K. Le Guin

# REVISTA **BANGI!**

a sua dose diária de  
fantasia, ficção científica  
e horror



Já conhece a revista especializada na cultura do fantástico, da literatura ao cinema e HQs, não faltando entrevistas, ensaios e ficção? Venha descobrir em:

[www.revistabang.com](http://www.revistabang.com)

Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:



[www.sdebrasil.com.br](http://www.sdebrasil.com.br)



Facebook: /editora.sde.brasil



Twitter: @SdE\_Brasil



Instagram: /SdE\_Brasil

